

O POLIAMOR NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA

Ronaldo Douglas Carvalho Machado (Centro de Psicologia da Saúde da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – CPS-EERP-USP)

Fabio Scorsolini-Comin (Centro de Psicologia da Saúde da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – CPS-EERP-USP)

Os relacionamentos amorosos/românticos ocupam uma posição de destaque nas pesquisas das áreas de família e da conjugalidade, representando também um grande interesse para a psicanálise. Além da monogamia, outras configurações têm sido evidenciadas na contemporaneidade, como a não monogamia consensual (NMC), que define relações nas quais é permitido ter contato sexual ou romântico com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Dentre as configurações da NMC destaca-se o poliamor. Este estudo teve por objetivo apresentar uma revisão narrativa sobre os relacionamentos poliamorosos considerando a incipienteza dessas configurações nos estudos científicos, em contraposição ao modo como têm sido evocados na clínica e também na mídia contemporaneamente. As buscas foram realizadas nas bases/bibliotecas SciELO, Pubmed e Portal de Periódicos CAPES a partir do descritor “poliamor”, priorizando as publicações a partir de 2015. O termo “poliamor” surgiu na década de 1990 e se popularizou através da internet. Existem três tipos de arranjos do poliamor: a “relação em grupo” na qual todos os membros têm relações entre si, a “rede de relacionamentos interconectados”, na qual cada membro tem outros relacionamentos distintos, e a relação mono/poli estabelecida, quando um dos parceiros é poliamorista e o outro não. Podem ser abertos quando há possibilidade de contato afetivo sexual com novas pessoas e fechados quando só são permitidas relações já existentes. Essa dinâmica não significa que os poliamoristas deixarão de estabelecer vínculos significativos, pois defendem ligações íntimas e profundas, pautadas na responsabilidade, no diálogo e no respeito. Entretanto, o poliamor representa um desafio que demanda constante desconstrução para não reproduzir padrões monogâmicos como situações de abuso, assimetria de gênero e ciúme. Assim, o poliamor torna-se um ideal, e não uma identidade, uma vez que sempre haverá um “eu” monogâmico a ser combatido, especialmente associado ao ciúme, afeto que os poliamoristas buscam superar através do sentimento de comparsão, definido como aceitação da liberdade do outro. Entende-se como significativo o momento em que os indivíduos que se relacionam de maneira diferente conhecem o termo poliamor, tendo a oportunidade de se identificarem e se sentirem pertencentes e livres. A literatura consultada reafirma a importância de nomear o poliamor para legitimar a experiência e ampliar socialmente a sua compreensão, combatendo o preconceito. Considerando o estigma ainda presente diante do fenômeno, expandir o conhecimento sobre a temática pode auxiliar na oferta de informações confiáveis e para o adequado cotejamento desse fenômeno na clínica, na pesquisa e em demais espaços de cuidado.

Palavras-chave: poliamor; conjugalidade; monogamia.